UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO EU E A ESCRITA EM CLARICE LISPECTOR, CHARLES BAUDELAIRE E CESÁRIO VERDE

ISABELLE RIBEIRO COSTA

RESUMO
Este trabalho pretende investigar a interação existente entre o universo interpessoal dentre a escrita entre os textos Dia Após Dia (1974) da Clarice Lispector, Contrariedades (1887) de Cesário Verde e A Perda da Auréola (1857) de Charles Baudelaire, e assim, produzir centrando- se nos textos de Martelo (2004) e Compagnon (1999), para melhor explicar o funcionamento da metalinguagem em relação ao eu lírico dos textos e a escrita. Esse artigo tentará demonstrar os mecanismos e as características empregadas para a composição de textos que comportam uma ponte entre o escritor e o leitor, que de alguma maneira fica cara a cara com a escrita crua e, para bem compreendermos essa exposição do processo de escrita e como isso funciona nos textos clássicos e modernos. Além de procurar explicações práticas para entender essa ligação entre a literatura e as reflexões do cotidiano, mas também de si ao falar sobre o corpo e o mundano.

PALAVRAS-CHAVE: Metalinguagem; Análise Comparativa; Literatura Moderna.

ABSTRACT
This study aims to investigate the interpersonal interaction within the writing of Clarice Lispector's Dia Após Dia (1974), Cesário Verde's Contrariedades (1887), and Charles Baudelaire's A Perda da Auréola (1857). Drawing on the work of Martelo (2004) and Compagnon (1999), it seeks to explain the functioning of metalanguage in relation to the lyrical self and the act of writing. The article attempts to demonstrate the mechanisms and characteristics used to compose texts that bridge the gap between writer and reader—placing the latter face-to-face with raw writing—to better understand this exposure of the writing process and its operation in both classical and modern texts. Furthermore, it seeks practical explanations for the connection between literature and reflections on everyday life, as well as on the self when addressing the body and the mundane.

KEY-WORDS: Metalanguage; Comparative Analysis; Modern Literature.

INTRODUÇÃO

Para uma melhor análise dos textos e entendimento do que se encontra nessa metalinguagem, é necessário compreender primeiro de onde vem e como se situa a modernidade, para que assim possamos fazer uma comparação da ruptura entre o tradicional e o que se é vivido, Compagnon (1999, p. 10) diz:

"Na medida em que cada geração rompe com o passado, a própria ruptura constitui a tradição. Mas uma tradição da ruptura, não é, necessariamente ao mesmo tempo uma negação da tradição e uma negação da ruptura? A tradição moderna, escrevia Octavio Paz, em Ponto de Convergência, é uma tradição voltada contra si mesma, e esse paradoxo anuncia o destino da modernidade estética, contraditória em si mesma: ela afirma e nega ao mesmo tempo a arte, decreta simultaneamente sua vida e sua morte, sua grandeza e sua decadência. A aliança dos contrários revela o moderno como negação da tradição da negação; ela denuncia sua aporia ou seu impasse logico."

Esse conceito que se aplica a modernidade pode ser entendido como contraditório e até problemático porque se a modernidade é a ruptura do passado, também é a ruptura da tradição. Pode-se dizer então que há uma ruptura parcial da tradição para que possa haver uma continuidade para continuar em constante mudança. Essa tradição que nunca é rompida por completo, mas sim trabalhada para que a cada geração o ciclo continue, sem perder o que de fato constitui a literatura.
Os textos Dia Após Dia (1974) da Clarice Lispector, Contrariedades (1887) de Cesário Verde e A Perda da Auréola (1857) de Charles Baudelaire tratam de maneira muito par-

ticular a questão do eu escritor, cada um com suas opiniões e seu fardo, que é ter a vida de escritor. E essa construção da tradição parcialmente rompida que conseguimos constatar observando autores que, em diferentes séculos, demonstraram a dualidade entre o eu escritor e o eu leitor.

O conto Dia Após Dia pode ser considerado um retrato fiel da pessoa de Clarice Lispector. Ela divide com o público situações vivenciadas por ela, sentimentos e pensamentos expostos em suas palavras, dessa maneira é notável que o leitor seja carregado para aquele cenário exposto e sinta exatamente o que a autora sentia ao desenvolver as histórias.

Em Contrariedades o autor se encontra em duas situações diferentes que acontecem ao mesmo tempo, mostrando essa simultaneidade, e sua exposição descrita de forma tão espontânea como os próprios pensamentos do autor. Além disso, esse poema pode ser considerado único, pela sua forma que é mais inclinada para o que conhecemos como a construção de uma prosa.

Já o texto que iremos analisar de Baudelaire, que muitos acreditam ser percussor do modernismo como um estilo, comprova isso, e A Perda da Auréola continua sendo visto até hoje como um texto muito à frente de sua época e desmistificando a imagem de Charles Baudelaire. Como diz Martelo (2004, p. 219):

"Quando Eliot defende que "[a] emoção da arte é impessoal. E [que] o poeta não pode alcançar inteiramente essa impessoalidade sem se render totalmente à obra a fazer", não fala de uma rendição à poesia, mas de uma rendição à obra. A emoção a que Eliot se reporta é, como ele mesmo esclarece, uma "emoção que tem vida no poema e não na história do poeta". Trata-se, portanto, não só de impedir o leitor de alargar os limites da poesia para além dos limites do poema (por mais ilimitados que a ambiguidade e a polissemia os façam ser), mas também de fechar qualquer possibilidade de subordinação da poesia à experiencia vivencial do autor, agora irremediavelmente desvalorizada, porque secularizada numa "waste land" que Baudelaire terá sido dos à entrever."

Essa possibilidade de alargar os limites da poesia é justamente parte da quebra parcial da tradição que discutimos anteriormente, e não necessariamente falando de poesia como gênero, mas entendendo a literatura como esse lugar onde existe a possibilidade de retirar os limites do que é, geralmente, limitado.

INTERAÇÃO DA MODERNIDADE E SEUS PARADOXOS COM A VISÃO DO EU

As obras modernas trabalham com o recurso da novidade, com esse processo de separação do senso comum, onde é de suma importância os pensamentos e emoções do autor, principalmente expressos no texto, que trazem uma proximidade com a realidade, essa perda da distância que há nos textos de Clarice Lispector, Cesário Verde e Charles Baudelaire entre o escritor e o leitor. Esse processo de constante mudança se dá a partir da despersonalização, uma autonomia da própria arte, onde é possível falar do texto dentro do próprio texto, tratando de uma vez a ligação autor – leitor, por demonstrar a importância dos sentimentos e da distância desses sentimentos da realidade. Martelo (2004, p. 214) diz:

"(...) é bem visível a tentativa de separação de uma não- coincidência entre um determinado modo de ler a poesia (chamemos-lhe o modo do senso comum, que seria o que antes fora imposto pela tradição romântica, e particularmente por uma certa vulgata romântica) e o modo de, conscientemente, a escrever. Dito de outra forma, o que parece estar em causa é sempre a necessidade de fazer derivar de uma nova poética de produção textual a emergência de novos protocolos de leitura, sem os quais nem o seu pleno entendimento nem a sua legitimação seriam possíveis."

Assim como em Autopsicografia (1931) de Fernando Pessoa, que cria uma ligação entre a dor fingida e a dor pensada, caracterizando o autor por sua dor, que se configura assim, a dor pensada, que é em busca da razão. É uma mescla da consciência com a inconsciência, pelo fato de não haver razão.

Essa mescla de consciência presente na literatura tem então esse papel de aproximar a intencionalidade do eu escritor com as percepções do eu leitor, que experimenta, em primeira mão, a rotina, os pensamentos, e até a dor contidas nos textos em questão. Essa visão é passada por Alves (2022, p.15) em:

"Sendo assim, para um artista continuar relevante, suas criações deveriam serconsumidas e não contempladas pelo máximo de indivíduos, o que significava modificar atívela necessidade de possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem, ou antes, na sua(BENJAMIN, 1987, p. 170). Frente a isso, autores passaram a sequestionar quanto ao valor de sua arte, fortemente atrelada à palavra escrita, em um mundoque privilegiava cada vez mais a imagem como fonte de entretenimento. Essa preferência fazsentido se pensarmos no fato de que os trabalhadores passavam dias inteiros dentro dasfábricas em condições miseráveis, logo, ao deixar esse ambiente, buscavam algo que fossedistraí-los fácil e rapidamente. Portanto, conforme o homem era mecanizado, mecanizava-setambém a cultura."

Essa técnica amplamente experienciada no Modernismo é explicada por Mendonça e Silvares (2021, p. 262):

"Em um período marcado por guerras e revoluções, o estabelecimento de novos sistemas econômicos e de avanços tecnológicos e industriais que contribuíram para uma transformação radical no modo de vida das pessoas, novas concepções de mundo surgiram e a literatura passou a abraçar o modernismo como um movimento artístico que propunha a ruptura com uma série de paradigmas antigos, em busca de uma liberdade formal e estética. Segundo Fernandes (2010), foi durante o modernismo que a experimentação na linguagem passou a ter um papel importante em busca de novidades técnicas e temáticas. Nesse cenário, novos métodos de escrita ficcional se popularizaram, como, por exemplo, as técnicas narrativas do fluxo da consciência e do monólogo interior, formuladas a partir da liberdade estética surgida no período, do advento da psicanálise e da necessidade de valorizar o mundo interior das personagens."

METALINGUAGEM EM CLARICE

A obra procura um efeito de mobilizar, trazer para o leitor uma outra maneira de sentir a literatura, escrever o que não costumava ser escrito e apresentar uma nova maneira de desenvolver uma história, considerada fora dos padrões da época em que foi publicada a obra. Nesse quesito, num trecho do conto Dia Após Dia (1974, p. 49), a autora conta sobre um telefonema que recebeu sobre o próprio livro em questão:

"Quando cheguei em casa uma pessoa me telefonou para dizer-me: pense bem antes de escrever um livro pornográfico, pense se isto vai acrescentar alguma coisa à sua obra. Respondi: - Já pedi licença ao meu filho, disse-lhe que não lesse meu livro. Eu lhe contei um pouco as histórias que havia escrito. Ele ouviu e disse: está bem. Contei-lhe que meu primeiro conto se chamava "Miss Algrave". Ele disse: "grave" é túmulo. Então lhe contei do telefonema da moça chorando que o pai morrera. Meu filho disse como consolo: ele viveu muito. Eu disse: viveu bem. Mas a pessoa que me telefonou zangou-se, eu me zanguei, ela desligou o telefone, eu liguei de novo, ela não quis falar e desligou de novo. Se este livro for publicado com mala suerte estou perdida. Mas a gente está perdida de qualquer jeito. Não há escapatória. Todos nós sofremos de neurose de guerra. Lembrei-me de uma coisa engraçada. Uma amiga que tenho veio um dia fazer a feira aqui defronte de minha casa. Mas estava de short. E um feirante gritou-lhe: — Mas que coxas! que saúde! Minha amiga ficou danada da vida e disse-lhe: — Vá dizer isso para aquela que o pariu! O homem riu, o desgraçado. Pois é. Sei lá se este livro vai acrescentar alguma coisa à minha obra. Minha obra que se dane. Não sei por que as pessoas dão tanta importância à literatura. E quanto ao meu nome? que se dane, tenho mais em que pensar."

Nesse trecho, Clarice demonstra a sua realidade como escritora, mostrando como era

criticada pelo seu trabalho. Escreveu a obra num cenário onde a liberdade estava sendo tema nos anos de 1970. Liberdade essa que ela escreve no dia em que supostamente escreveu esse conto, querendo provocar uma mudança no olhar da sociedade brasileira.
Clarice consegue nesse conto, e em muitos outros, realmente transportar o leitor ao "dia após dia", onde somos sugados por esse fluxo de consciência da autora. Ao observar e descrever o que acontece ao seu redor e suas percepções utilizando a metalinguagem, o limite tradicional da literatura é rompido.
No livro em que Dia Após Dia foi publicado, A Via Crucis do Corpo, há também um capitulo intitulado "Explicação" (página 11) em que Clarice fala ainda mais abertamente sobre todo o processo de criação desse livro, criando uma ligação pessoal muito forte com o leitor e contribuindo para esse rompimento:

"Todas as histórias desse livro são contundentes. E quem mais sofreu fui eu mesma. Fiquei chocada com a realidade. Se há indecências nas histórias a culpa não é minha. Inútil dizer que não aconteceram comigo, com minha família e com meus amigos. Como é que sei? Sabendo. Artistas sabem das coisas. Quero apenas avisar que não escrevo por dinheiro e sim por impulso. Vão me jogar pedras. Pouco importa. Não sou de brincadeiras, sou mulher seria. Além do mais tratava- se de um desafio. (...). Uma pessoa leu meus contos e disse que aquilo não era literatura, era lixo. Concordo. Mas há hora para tudo. Há também a hora do lixo. (...) Já tentei olhar bem de perto o rosto de uma pessoa — uma bilheteira de cinema. Para saber do segredo de sua vida. Inútil. A outra pessoa é um enigma. E seus olhos são de estátua: cegos."

Essa impessoalidade descrita no olhar de uma outra pessoa, que ela diz ser enigmático, não é algo presente nesse livro, em que podemos conhecer melhor a autora e compreender sua visão. Além disso, Clarice comenta a sua dificuldade em criar um livro encomendado, por causa da sua incapacidade de ser liberta dentro dos padrões impostos. É impossível saber de tudo, senão, de si mesmo. Em diversos momentos do conto podemos conhecer então, mais um pouco, mas com a certeza de que nunca saberemos tudo que se passava na mente da autora. Analisando mais um trecho de Dia Após Dia (página 50) conhecemos um pouco de sua personalidade, por assim dizer:

"Mas sou Sagitário e escorpião, tendo como ascendente aquarius. E sou rancorosa. Um dia um casal me convidou para almoçar no domingo. E no sábado de tarde, assim, à última hora, me avisaram que o almoço não podia ser porque tinham que almoçar com um homem estrangeiro muito importante. Por que não me convidaram também? por que me deixaram sozinha no domingo? Então me vinguei. Não sou boazinha. Não os procurei mais. E não aceitarei mais convite deles. Pão pão, queijo queijo."

METALINGUAGEM EM CHARLES BAUDELAIRE
Assim como no texto da Clarice, o eu lírico reconhece o fardo e os desafios de ser um escritor, pelo menos um dos bons, e se encontra em maus lençóis, andando em lugares, passeando por vias que não devia passar, ele tinha uma imagem a zelar. Mas de alguma maneira ele resolveu se libertar, no caso perdendo sua aureola, agora podia fazer o que quiser sem ser percebido. Ele achava melhor perder esse seu adereço, do que continuar escravo de uma sociedade juíza de seus atos. O interlocutor que acompanha esse desabafo do eu lírico até tenta o dissuadir de desistir de sua aureola, mas ele o rebate dizendo que agora outro poderia tomar o seu lugar, dando continuidade a seu processo de libertação (página 73):

"Olá! O senhor por aqui, meu caro? O senhor nestes maus lugares! O senhor bebedor de quintessências e comedor de ambrosia! Na verdade, tenho razão para me surpreender!" "Meu caro, você conhece meu terror de cavalos e viaturas. Agora mesmo, quando atravessava a avenida, muito apressado, saltando pelas poças de lama, no meio desse caos móvel, onde a morte chega a galope de todos os lados ao mesmo tempo, minha auréola, em um brusco movimento, escorregou de minha cabeça e caiu na lama do

macadame. Não tive coragem de apanhá-la. Julguei menos desagradável perder minhas insígnias do que me arriscar a quebrar uns ossos. E depois, disse para mim mesmo, há males que vêm para o bem. Posso, agora, passear incógnito, cometer ações reprováveis e abandonar-me à crapulagem como um simples mortal. E eis-me aqui, igual a você, como você vê." "O senhor deveria, ao menos, colocar um anúncio dessa auréola ou reclamá-la na delegacia caso alguém a achasse." "Não! Não quero! Sinto-me bem assim. Você, só você me reconheceu. Além disso, a dignidade me entedia. E penso com alegria que algum mau poeta a apanhará e a meterá na cabeça descaradamente. Fazer alguém feliz, que alegria! E sobretudo uma pessoa feliz que me fará rir. Pense em X ou em Z. Hein? Como será engraçado."

É possível fazer uma comparação entre esse texto e o da Clarice justamente pela busca pela libertação, pela busca pela razão, trazendo sempre o que pode se chamar de novo, esse processo de libertação vai de encontro a esse conceito de estar sempre passando a bola adiante, geração após geração.

METALINGUAGEM EM CESÁRIO VERDE

Esse é sem dúvidas um dos textos mais interessantes dessa pequena seleção para análise. O texto se passa em diferentes cenários ao mesmo tempo, onde o eu lírico, personagem principal junto com a sua tísica analisa a própria cena em que se encontra, e a cena da vizinha, julgando assim como o seu "universo" funciona.

O autor concentra o texto em dois focos de dor, e essa relação interpessoal entre as duas personagens nos permite uma visão ampla do cenário e dos sentimentos, assim como nos textos anteriores, os sentimentos e pensamentos do autor são parte fundamental para compreensão do texto.

O texto passeia entre um universo pessoal de cada personagem, assim fazendo com que o eu lírico, o narrador da cena possa se confortar com sua própria situação: de um escritor que não consegue ser publicado. Assim como nos outros textos, ele procura libertação, não deseja seguir os padrões que são impostos a ele, e isso como podemos ver, mais uma vez, o coloca em uma posição desafiadora. Deste modo, ele consegue aliviar sua dor, ao ver a dor do próximo, da tísica, assim ele pode continuar com sua vida, e acreditar que um dia, quem sabe depois da sua morte, será publicado.

Assim como no texto de Clarice Lispector, conseguimos entender um pouco melhor do autor como pessoa, mas também, como no texto de Charles Baudelaire podemos entender melhor Cesário Verde como autor, trazendo essa dualidade previamente discutida nesse trabalho.

Fica claro para o leitor, os sentimentos provados pelo eu-lírico quando lemos:

"Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros
Consecutivamente.
Dói-me a cabeça.
Abafo uns desesperos mudos: Tanta depravação nos usos, nos costumes!
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes
E os ângulos agudos.
(...)
O obstáculo estimula, torna-nos perversos;
Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,
Por causa dum jornal me rejeitar, há dias,
Um folhetim de versos.
(...)
E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?
A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?
Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...
Que mundo! Coitadinha!"

Mas também conseguimos compreender as escolhas de composição do autor ao ler o trecho:

"Eu nunca dediquei poemas às fortunas,
Mas sim, por deferência, a amigos ou a artistas.
Independente! Só por isso os jornalistas
Me negam as colunas.
(...)
Um prosador qualquer desfruta fama honrosa,
Obtém dinheiro, arranja a sua coterie;
E a mim, não há questão que mais me contrarie

Do que escrever em prosa.
(...)
Nas letras eu conheço um campo de manobras;
Emprega-se a réclame, a intriga, o anúncio, a blague,
E esta poesia pede um editor que pague
Todas as minhas obras"

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise do estilo literário e dos textos em particular, e como eles trabalham a imagem do escritor como autor propriamente dito e também como personagem, como o eu lírico, podemos tomar como base de entendimento final de que esse estilo literário, atua como um forte teor libertário, quanto a forma de expressão de sentimentos e pensamentos entre a relação autor – leitor, e a interação impessoal que seus autores utilizam com seus respectivos eu líricos funcionam como uma espécie de despersonalização.

Enquanto observamos os eu líricos de dos autores mostrando parcelas de seus pensamentos mais profundos, encontramos a mesma reflexão sobre o que é ser um autor e o que isso implica, quais são as dores e os amores de cada um ao relatar suas experiências de maneira dialética.

O posicionamento da Clarice em mostrar que não saberia escrever de maneira comprada, mas não por uma incapacidade ou falta de possibilidade, muito pelo contrário, por impor seus limites enquanto rompe com os limites do escrever por escrever. Escrevendo, nesse conto, o que parece ordinário a muitos olhares, mas que em seu olhar vira uma obra de grande primor e coloca o leitor a ponderar sobre o verdadeiro sentido da literatura.

Seguindo por esse mesmo caminho, Baudelaire traz uma auréola como uma representação do que é ser esse autor de renome, como uma maneira de ser reconhecido por seus escritos. Mas ele se recusa, após deixar cair essa auréola no meio da multidão, a voltar para buscá-la, assim como Clarice recusa a escrever algo encomendado. Em "A Perda da Auréola", ainda traz certa ironia ao retirá-lo desse papel imaculado e dizer que essa alegoria poderia ir para qualquer outro autor, contanto que o fizesse feliz.

Esse estilo vai ainda de encontro ao que foi escrito por Cesário Verde em "Contrariedades", onde o poeta também se recusa a escrever de maneira encomendada, mesmo sentindo-se furioso ao ser rejeitado para escrever no jornal observa a vida ao seu redor e tem a reflexão de que seria infeliz se conformasse a sua escrita à padrões impostos por outras pessoas, abdicando de sua "auréola", pois como ele mesmo diz, conhece suas manobras no campo das letras e a sua arte não pode ser comprada, irá continuar escrevendo seus versos.

Essa não conformidade nos leva a reflexão inicial desse trabalho: Como podemos situar a modernidade nas obras literárias? E é justamente essa transgressão das regras socialmente impostas tanto na escrita quanto na vida e nas escolhas feitas pelos autores que nos mostra a modernidade sendo utilizada.

A modernidade apresentada nas três obras, ainda que vindas de contextos completamente diferentes, espacial e temporal, mostra autores que publicam suas obras por elas serem um reflexo de si, abrindo mão, talvez do prestígio e do reconhecimento, indo no contrafluxo do que é tradicional.

Isso acontece porque o Modernismo enquanto escola literária procura produzir arte que reflete o momento histórico pós Primeira e Segunda Revolução Industrial, trazendo uma experiência de trabalhar o monólogo interior (fluxo de consciência) como uma ponte entre o leitor e o escritor, quebrando assim as barreiras do que é manufaturado, do que é destinado as grandes massas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Amanda Fernandes. A metalinguagem na poesia de Fernando Pessoa ortônimo enquanto reação às transformações do século XX na cena literária europeia. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

BAUDELAIRE, C. As flores do mal. 6.ed. Trad. e notas Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

COMPANGNON, A. Os Cinco Paradoxos da Modernidade. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1999. p. 9 -13.

LISPECTOR, C. A Via Crucis do Corpo. Rocco: Rio de Janeiro, 1998. p. 11 - 53.

MARTELO, R. M. Em Parte Incerta: Estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea. Campo das Letras: Porto, 2004. p. 213 - 219.

MENDONÇA, DANIELA DE SOUZA; SILVARES, Lavínia. O fluxo da consciência na construção das personagens de Virginia Woolf e Clarice Lispector. Cadernos Acadêmicos, n. 1, 2021.

VERDE, C. O Livro de Cesário Verde. Typographia Elzeveriana, 1887, p. 33. ELIOT, T.S. Ensaios. Art Editora: São Paulo, 1989.